

LATOUR EM AÇÃO, RECEPÇÃO HISTORIOGRÁFICA E CARTAS AOS INTERESSADOS NAS HUMANIDADES CIENTÍFICAS.

LATOUR IN ACTION, HISTORIOGRAPHICAL RECEPTION AND LETTERS TO THOSE INTERESTED ON THE SCIENTIFIC HUMANITIES

LUCAS VINICIUS ERICHSEN DA ROCHA*

LATOUR, Bruno; *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. 1.ed. Tradução: DIAS, Jamille Pinheiro. São Paulo: 34, 2016. 213 p.

Quase três décadas desde as primeiras publicações de *‘Ciência em Ação’* e *‘Jamais Fomos Modernos’* talvez os trabalhos mais famosos de Bruno Latour. A distância temporal entre aquelas e as tradução em português permitem inferir um pouco sobre a recepção dos trabalhos de Latour no meio acadêmico brasileiro, pois nem todos aqueles que desenvolvem algum interesse na obra de Latour são fluentes em inglês ou francês. Nesse sentido, um trabalho historiográfico sobre tal recepção deve ser mesurado cuidadosamente. Embora não seja possível devidamente delinear tal elemento no presente texto, salientaremos alguns aspectos (nem sempre de maneira direta) dessa receptividade. Não adentraremos em questões das inúmeras controvérsias que a obra de Bruno Latour desdobrou, mas sim em elementos em que o leitor interessado e iniciante na obra de Latour poderá encontrar. Em outras palavras, traçaremos coordenadas para um cartografar do autor.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ), bolsista Capes; Doutorando convidado do Lateinamerika-Institut da Freie Universität-Berlin (LAI-FU); mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: lucaserichsen@outlook.com

Embora os trabalhos de Latour tenham recebido atenção em alguns meios acadêmicos ainda em fins da década de 1990, parece que somente em finais da década de 2000 que historiadores passaram a incorporar as premissas de Bruno Latour. Essa incorporação é mais perceptível em campos historiográficos específicos, como o da História Ambiental, enquanto que outros campos historiográficos que reivindicam alianças e filiações com a antropologia, ciências sociais e história das ciências passam ao largo dos trabalhos de Latour. Não que os trabalhos deste devam ser entendidos como única diretriz ou axiomas para o fazer historiográfico, mas se os textos de Bruno Latour tiveram desdobramentos e repercussões consideráveis mundo a fora, em áreas do conhecimento de interesse para alguns historiadores, fica outra ideia a ser mais bem trabalhada aos futuros profissionais do campo historiográfico.

Ainda no que diz respeito das publicações dos trabalhos de Bruno Latour no Brasil, deve-se notar que *Cogitamus* foi publicado originalmente em 2011, têm sua primeira edição brasileira em 2016 e pode ser considerado um dos trabalhos mais sucintos, pragmáticos e maduros do autor. Assim, esta resenha toma por base a primeira edição brasileira de *Cogitamus*.

Nesse sentido, a tradução de Jamille Pinheiro Dias demonstra não só um cuidado linguístico de tradução e manutenção dos termos que necessitam ficar em sua grafia original, mas também conhecimento da composição das ideias de Bruno Latour por parte da tradutora.

O livro busca emular o tom epistolar, no caso, de troca de cartas entre professor e aluna. Assim, faz sentido lembrar-se de ‘Cartas a um jovem poeta’ de Rainer Maria Rilke, porém, no caso de ‘Cogitamus’ seria mais da ordem de ‘Cartas a uma jovem epistemóloga das ciências’ ou ‘Cartas a uma jovem estudiosa das humanidades científicas’.

É por meio das seis cartas do livro (cada uma representando uma espécie de capítulo) que percebemos o quanto Latour parece buscar uma positividade própria à sua epistemologia das ciências, *Science Studies*, ou como ele prefere chamar, das humanidades científicas. Esta última denominação, melhor indicaria a composição das ideias de Bruno Latour, pois como o mesmo afirma, ele estaria trabalhando com as ciências e as técnicas em suas relações com a história, cultura, literatura, economia e política.

É assim que a constituição de uma positividade própria à sua epistemologia parece funcionar por meio de algumas dissociações com parte de campos acadêmicos

das humanidades. No caso da História, Latour se faz perceber provocativo quando fala de «leis da História», não que isso demonstre uma ingenuidade ou descuido do autor para com a produção historiográfica e a epistemologia na História, mas sim coerente com sua forma de trabalhar, especialmente quando se trata de pensar as transições entre diferentes cosmogramas. Ou seja, recorrer algumas vezes aos «anacronismos» faz parte de seu projeto de pesquisa ou, como o próprio Latour prefere chamar, de seu Cosmograma.

A indicação de que Bruno Latour não está cometendo algum equívoco ou descuido fica mais evidente quando em certo momento o autor assenta a historicidade de suas afirmações em relação a provável não presença de mulheres trabalhando de escribas nos celeiros da antiga Mesopotâmia, indicando que ele sabe da historicidade das possibilidades e impossibilidades material-ambientais, culturais e sociais. Ou seja, quando realizados, certos usos de anacronismos estão mais para ferramentas teórico-metodológicas do que para grades epistemológicas.

As coordenadas de Bruno Latour ficam mais explícitas quando ele escreve, por exemplo, sobre os diferentes regimes explicativos sobre as descobertas de Galileu Galilei. Quando os pesquisadores localizam o cientista italiano em uma transição para à modernidade, como alguém dividido entre dois *cosmos* e imerso em um regime dual, removeriam de Galileu sua personalidade múltipla em um mundo também múltiplo, aquilo que é comum a qualquer um de nós, e transformaria Galileu em um simples esquizofrênico que estaria habitando um mundo dividido em dois.

Na sequência, também se percebe parte da renovação epistemológica de Latour e em como ele passa ao largo de certas tradições epistemológicas, como no caso daquelas de matriz francesa que tem por diretriz o pensamento de Gaston Bachelard. Este teria levado ao extremo a supracitada dualidade, tornando aquele aspecto esquizofrênico a própria definição do cientista em busca do *õespirito científico*. Outra dissociação parece ser em relação a Michel Foucault, já que para Bruno Latour, os desvios, as mudanças em um cálculo e em alguma teoria, teriam grande força de mudança e grandes efeitos, mas não somente isso, deve-se lembrar de que por mais que tais elementos permitam:

[...] modificar imensas forças e obter enormes efeitos, não se esqueça de retrair esse movimento, [í], que explica por desvios e composições as constantes transformações introduzidas pelos

laboratórios no curso usual de nossas práticas. Apenas a *metis* curva permite à *episteme* ir direto¹

Ainda na esteira sobre como conhecer ou atualizar-se à composição do pensamento de Bruno Latour, o livro apresenta extensa bibliografia sobre História das Ciências, Epistemologia e das Humanidades Científicas. As obras são normalmente indicadas em notas de rodapé, mas nem todas podem ser encontradas em Português, levando-nos ao que foi indicado no início de nosso texto. Do mesmo modo, é válido ressaltar a ausência de utilização do termo “simétrico” algo que Bruno Latour já indicava há alguns anos e que ficou devidamente explicitada em *Reassembling The Social*.

Em alguns momentos, para além do que já é conhecido da “filiação” de Latour com Michel Serres, ficam evidentes ainda outros elementos dessa “filiação”. É o caso da metáfora do Arlequim, que utilizada por Latour para se referir aos pesquisadores em laboratórios, imediatamente faz lembrar o casaco do Arlequim, utilizada por Michel Serres em “La legende des Sciences” e em “Filosofia Mestiça”. O mesmo acontece em relação a Gilles Deleuze e Félix Guatarri. Para aqueles que conhecem a obra de ambos, o exemplo do carrapato utilizado por Latour imediatamente remete aos autores de Mil Platôs quando das três intensidades da vida do Carrapato. O que também nos leva ao carrapato em Jacob Von Uexkull e a Umwelt, a qual é devidamente reivindicada por Bruno Latour como alternativa ao termo ambiente, noção que para Latour é abstrata, invenção humana cujo único objetivo é buscar comodidade para designar o envoltório universal que supostamente envolveria todos os seres vivos.

Se tais elementos permitem seguir Bruno Latour, compreende-lo em ação, algo disso ressoa em algumas das fotos encontradas no livro. O autor utiliza fotos tiradas por ele mesmo para desenvolver o livro, como é no caso de explicitar a noção de desvio e de redes sócio técnicas, por meio de uma ocasião em seu computador pessoal não conecta na rede de wi-fi de sua instituição. Algo que por sua vez, resalta algo do humor do autor, que não somente está presente no conteúdo das cartas, mas que transpareceu em outras entrevistas e publicações.

Pode se arguir que o tom humorístico não foi proposital, mas esse teor pode sempre vir à mente do leitor quando este se der conta do quanto é curioso o modo epistolar adotado no livro para um pesquisador que trabalha com o estudo das ciências, redes sócio técnicas e que tem um interesse, também, por tecnologias contemporâneas.

¹ LATOUR, Bruno; *Cogitamus*. p 135-136.

Nada impede que tais cartas fossem enviadas por e-mail, por mais extensas que sejam, mas fica a questão de saber qual foi a intenção de Latour ao utilizar de teor epistolar. Uma das possibilidades que podemos imaginar é de fazer emergir uma forma de comunicação que escape de um sentido teleológico, de evolução histórica-tecnológica e que as tecnologias de informação sejam mais no sentido de um agregado heterogêneo com elementos de diferentes épocas.

Entre atualizar-se em relação ao trabalho de Bruno Latour e perceber o quanto o autor está ou não atualizado em relação às controvérsias sócio técnicas, vale indicar quando ele se refere à famosa controvérsia sobre os MAC serem melhores que PC e os devidos enunciados que fundamentam tais argumentações. Não é nosso objetivo adentrar essa questão, por mais que possam ser trabalhadas nas humanidades-científicas quando acerca da indiferença do hardware hoje utilizado tanto em pc's quanto em mac's, das diferenças de softwares, das argumentações de usuários de ambas as plataformas e assim por diante.

Nesse sentido, sobre estar atualizado e argumentações, Bruno Latour indica que se faz essencial mapear a qualidade dos argumentos científicos, se estes são fatos científicos bem elaborados ou opiniões. Latour até faz algumas referências sobre robôs, ou crawlers, que no futuro poderiam mapear diversas fontes de informação com o fim de distinguir conspirações de provas e opiniões de fatos. Tudo isso desenvolvido com o pano de fundo as alterações climáticas, a reunião sobre o clima de 2009 em Copenhague e uma conceituação do parlamento das coisas com base nos desdobramentos do século XXI.

É ainda mais interessante constatar isso no livro quando, sete anos depois da publicação original, o desenvolvimento de inteligências artificiais ganha um fôlego jamais visto, algo que em parte têm relação com intensas pesquisas para com o desenvolvimento de carros autônomos, assistentes pessoais e principalmente após a controvérsia acerca das hoje chamadas *fake news* e controvérsias sobre o aquecimento global, ganharam grandes proporções após a eleição do 45º presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Em suma, se consideramos *Cogitamus* uma espécie de manual para trabalhar com humanidades científicas à maneira de Latour ou em como conhecer a forma de trabalho dele, o mesmo pode ser considerado como uma ótima porta de entrada aos trabalhos de Bruno Latour ou atualização aos que já conhecem a obra ou parte da mesma.